

PSICOLOGIA DAS DIFERENÇAS: QUEM É O PRÓXIMO A QUEM EU DEVO AMAR?

TALITA GONÇALVES MONTEIRO¹; TAÍS SEVERO DE SEVERO²; JOSÉ RICARDO KREUTZ³

¹*Universidade Federal de Pelotas – talitagmonteiro@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – taissevero89@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – jrkreutz@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O trabalho que segue é um dos resultados das ações do Projeto de ensino intitulado 'Monitoria em Psicologia das Diferenças', codificado na PRG com o nº 2082016, que tinha por objetivo acompanhar as produções dos acadêmicos matriculados na disciplina seguindo o rigor da reflexão filosófica exigida na interface entre o cotidiano de violação dos direitos humanos e os conceitos da diferença. O recorte específico desta interface pode ser descrita como uma análise da cena da transexual crucificada na 19^a Parada do Orgulho LGBT em São Paulo, procurando se há limite entre a crença pessoal de cada um, no constituir a liberdade de expressar-se do outro, sendo a cena um dispositivo - "máquinas de fazer ver e de fazer falar" (DELEUZE & CORDEIRO, 1996, p.84) - que produz práticas e sensações de diferentes naturezas, estados transitórios que são passíveis de agenciar corpos sem órgãos¹ na libertação e no desejo, que não emerge, mas é produzido pela necessidade de afirmação e encenação da imagem simbólica, imagem essa que manifesta-se contra a palavra de ordem², imagem que está sempre em desequilíbrio, se contrapondo e reafirmando em uma rizoma³ de afetos e percepções, a medida que questiona o expectador "quem é o próximo a quem eu devo amar?"⁴

Em junho de 2015 foi realizado o ato artístico, movimento este que causou intenso debate na mídia e redes sociais, devido à encenação representativa que a atriz e modelo transexual Viviany Beleboni apresentou. Na cena, Viviany representava a crucificação de Jesus Cristo, vestida tal qual Ele estava, trazendo um semblante de dor e, em sua cruz, estavam os dizeres "Basta de homofobia GLBT".

Este ato remeteu a agenciamentos coletivos distintos e diferentes produções de subjetividades, construindo fluxos de desejos diverso e agenciamento maquinico de corpos⁵ (DELEUZE & GUATTARI, 1996). O objetivo

¹ Os corpos sem órgãos são desejo, é ele e por ele que se deseja (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 26)

² A palavra de ordem é, em si mesma, redundância do ato e do enunciado. Os jornais, as notícias, procedem por redundância, pelo fato de nos dizerem o que é "necessário" pensar, reter, esperar, etc (DELEUZE; GUATTARI, 1995(2), p. 14), ela agencia, nesse contexto, a subordinação de saberes e significâncias , a medida que diz ao interlocutor o que é interessante, relevante e esperado no campo social.

³ Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas... (DELEUZE; GUATTARI, 1995(1), p.04), cada ponto se conecta com qualquer outro, não há um centro, nem uma unidade presumida — em suma, o rizoma é uma multiplicidade. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 03)

⁴ Alusão ao versículo de João 13:34 - Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis.

⁵ É o seguimento dos agenciamentos que comporta o conteúdo; agenciamento de ações e paixões, mistura de corpos, reagindo uns sobre os outros; de outro. (ZOURABICHVILI & GOLDSTEIN, 2007 p. 8-11)

deste protesto, segundo seus organizadores, não teve o caráter de ataque à igreja mas, sim, o de representar a dor, as agressões e mortes que a comunidade LGBT sofre todos os dias, mas o elemento significante do ato, a cruz, e todas as simbologias sociais que carrega e ressignifica ao longo dos anos fizerem emergir sentimentos outros, que procuramos situar na escrita para análise do nosso recorte social.

2. METODOLOGIA

Esta produção teve sua pesquisa baseada na busca de fatos e notícias que expusessem as diversas opiniões formadas pela cena através do princípio metodológico cartográfico, que é descrito por ROLNIK (2011) como um método alternativo para manifestar afetos contemporâneos que pedem passagem mas são, por vezes, consolidados em seu sentido. No trabalho se buscou possíveis conexões destas notícias e sua constituição histórica por diferentes perspectivas, incluindo os referenciais teóricos utilizados na disciplina de Psicologia das Diferenças a fim de discorrer acerca das questões filosóficas e agenciamentos as quais a cena remeteu.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sander (2012) fala do corpo como uma entidade, um “corpo espetáculo” que informa e comunica. Esses corpos, conforme postula o autor são abertos ao devir e “aos movimentos de des e reterritorialização, próprios à vida”(p.132). A cena vivida na parada gay teve o caráter de produção de devires, a medida que se manifestava na simbologia de um corpo religioso transformado em um corpo estranho que necessitava ser significado; a dicotomia corporal identitária foi o disparador de discussão acerca da significação da cena “crucificação”, e aqui encontra-se um questionamento entre tantos outros: “Por que um corpo feminino não poderia representar aquele ser divindade para quem todos os outros seres eram a sua imagem e semelhança?”

O levantamento dessa questão nos permite uma ruptura no que se estabelece do pensamento natural universal (Deleuze, 1988) de um corpo habitual, sendo que esse opera por constrangimentos. O corpo da atriz, o corpo Viviany, diferente, alterado, sem órgãos, assim como o corpo de Artaud em Deleuze e Guattari (1996) - *Para acabar com o juízo de Deus*, “porque atem-me se quiserem, mas nada há de mais inútil do que um órgão” (p.9). - também foi uma declaração de guerra contra os órgãos, o momento protesto de uma mulher transexual que agiu como uma experiência biológica e política e acabou atraindo sobre si, censura e repressão.

Na experimentação vivida na paulista, o corpo, matéria prima existencial, cultuado pelas características padronizadas de ser, desentou maquinas desejantes, foi feito extensão de um pedido de ajuda, tornou-se resistência para, a partir disso, impulsionar corpos sem órgãos quando questiona o amor a todos os seres, apesar das diferenças; servindo como comunicação, instaurou condições de possibilidade de um deslocamento do *status quo*, dando lugar a novas alternativas de estar no mundo com a fé.

Seu ato foi um pedido de socorro para, de fato, chocar, mas os devires da ação não foram compreendidos em sua imagem simbólica, e se manifestaram em críticas agressivas carregadas de preconceito, que reduziram o campo de experimentação de desejo a uma divisão preestabelecida de dogmas que resultaram em ressentimentos. O evento instaurou uma grande potência de

produção de sentidos a partir das subjetividades dialéticas acerca de sua representatividade, e tais ressentimentos são compreensivos se resgatarmos a constituição histórica da religiosidade, que fez emergir a inquietude de maquinas desejantes (que desejam, neste caso, justiça e retratamento) acompanhada de palavras de ordens. Talvez, sendo esse, reflexo dos agenciamentos coletivos demandados pela mídia e por aqueles que de alguma maneira ganham com a animosidade, levantando aqui outra questão: A quem serve essa animosidade?

Acerca destas declarações, é importante se pensar na maneira como a notícia repercutiu de diversas formas, intensidades e opiniões, porém, os pensamentos mais extremistas e com ordens de julgamento e repressão, vieram de âmbitos religiosos políticos, de lugares e pessoas que têm o poder da palavra e, portanto, o poder de influenciar um público extenso de seguidores sem que haja um questionamento sobre a finalidade do ato, e que de alguma maneira pode usurpar positivamente do conflito de opiniões instaurado. A comunidade LGBT suporta, diariamente, os resultados das diversas palavras de ordem proferidas em antônimo à sua luta. São as palavras de ordem que incitam o desrespeito, o preconceito, as agressões, físicas e psicológicas, explícitas ou veladas, que corroem e machucam uma classe ainda em estado de vulnerabilidade na nossa sociedade. Por que isto não é questionado pela horda de seguidores e simpatizantes desta Igreja politizada?

O agenciamento coletivo de enunciação produzido pelas palavras de ordem nos trouxe expressões agressivas, porém, outros agenciamentos e resistências foram produzidos a partir da discordância com os pré conceitos religiosos, fruto de doutrinas estabelecidas há muito tempo. Corpos sem órgãos emergem quando consegue se visualizar em outras tantas estâncias, que não as políticas e dogmáticas, o apoio à liberdade de expressão no protesto, as tentativas midiáticas alternativas de desconstrução dos conceitos enraizados na sociedade, o acolhimento às diferenças. Tudo isto impulsiona a sociedade para um saber mais completo do ser humano como merecedor de amor, direitos igualitários e, não menos importante, de visibilidade dentro de uma massa que insiste em fechar os olhos para o diverso

4. CONCLUSÕES

O trabalho utilizando um recorte micropolítico social nos permitiu a experimentação de conceitos, até então visto no campo teórico, em um exercício prático de pensar comportamentos e tendências discursivas contemporâneas, sendo uma ferramenta metodológica que altera a maneira de aplicabilidade dos mesmos no ensino da graduação. Problematizar práticas sedimentadas seccionando-as nos possibilita pensar sobre várias perspectivas, sendo uma ferramenta importante para evitar que a crítica seja apenas uma reprodução do bom senso tornando-se, no fim, senso comum (DELEUZE, 1988).

No campo profissional, é importante ressaltar a relevância dos direitos humanos na nossa área de atuação, seja na saúde pública, organizações ou clínica. Pensar as práticas *psis* e como esses direitos, com sua interlocuções e dinâmica, constituem comportamentos e tendências é necessário para que o olhar o outro não se torne apenas um conjunto de prenóções, ou uma lista de sinais e sintomas, sendo assim. o debruçar-se sobre questionamentos conceituais é uma ferramenta de grande valia para o profissional psicólogo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DELEUZE, G; CORDEIRO, E. **O mistério de Ariana: cinco textos e uma entrevista de Gilles Deleuze**. 1996.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: volume 1**. São Paulo: Editora 34, 1995(1)
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: volume 2**. São Paulo: Editora 34, 1995(2)
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: volume 3**. São Paulo: Editora 34, 1996.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: volume 4**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- JOÃO, São. Evangelho segundo São João. Bíblia on-line. Disponível em:<<http://www.bibliaonline.com.br>>. Acesso em, 06/2016
- ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental Transformações Contemporâneas Do Desejo**. Porto alegre: Sulina, 2011
- SANDER, J.. Corpo-dispositivo: cultura, subjetividade e criação artística.
- Artcultura**, Uberlândia:, v. 13, n. 23, p. 129-142, 2012.
- ZOURABICHVILI, F; GOLDSTEIN, V. **El vocabulario de Deleuze**. Atuel, 2007.